

Sermos parte da teia da vida, a cuidar de toda a natureza viva

Mário Beja Santos¹



O livro chama-se *Ética e meio ambiente, para uma sociedade sustentável*, de Marcelo L. Pelizzoli (Editora Vozes, 2013), esboça uma perspectiva sistémica de compreensão da vida e dos seres naturais. Trata-se de um guia para estudantes e público em geral, propõe-se olhar os objetos, pessoas e seres dentro de uma rede delicada de relações, simbólicas, culturais, afetivas, biológicas, energéticas, ecossistémicas. Faz um apelo à superação das dicotomias e das perdas entre o ser humano e a vida natural, entre respiração e ar, entre corpo e movimento, entre comida e natureza, entre estar vivo e estar na terra. A sustentabilidade deve ser pensada a vários níveis, de paisagem, de urbanismo, de alimentação, de pensamento reflexivo, entre outros. Além disso, vivemos um tempo que exige posicionamentos éticos voltados para ações concretas, ética e

ambiente são termos equivalentes.

Primeiro, a visão sistémica; as dificuldades do presente passam por estarmos manietados por uma visão mecanicista, reducionista, o famoso paradigma cartesiano. Pagamos um preço demasiado elevado de múltiplas divisões, dicotomias e fragmentações. O intento é identificar o que pretendemos, de que trata uma visão holística. O mundo em que vivemos teceu uma separação absoluta entre doença e doente, entre saúde e doença, entre sujeito e objeto. Pretende-se caminhar para a aceitação do outro como o outro, para uma noção do tempo que não se confine ao domínio técnico, para a visão das redes e mesmo com as limitações necessárias para a auto-organização da vida. Para essa sociedade sustentável há um conjunto de pensamentos e práticas favoráveis: os direitos humanos; o reconhecimento da importância dos movimentos ecológicos; a humanização da saúde; a emancipação da mulher, etc. Caminhar para o paradigma ecológico é apostar na interdependência, complexidade, sistémica.

Segundo, como se organizam o ambiente e a ética em novo paradigma. A ética é a base da vitalidade pessoal, confunde-se com habitar, política, universo, medida. Daí a ética pessoal (comportamento em vida íntima) a ética ambiental e a ecologia social e política. O autor escalpeliza o paradigma cartesiano com o seu ideal de dominar a natureza, sistematizar todo o saber e do primado tecnológico e da exaltação da competição. Recorda os aspetos éticos subjacentes ao paradigma emergente, exemplificando com a defesa da diferença ou alteridade, havendo, em termos de hermenêutica, de questionar conceitos como o da

¹ Professor do Ensino Superior, autor de livros e artigos nas áreas das políticas de consumidores e qualidade de vida.

natureza enquanto matéria-prima, a forte dicotomia entre ambiente construído e ambiente natural, a própria natureza vista como algo que está de fora.

Terceiro, as perspectivas da ética holística e ecológica profunda. Trata-se de uma viagem a autores, subcorrentes e inspirações onde podem constar o movimento romântico e a corrente extremada da ecologia profunda. O autor debruça-se sobre as teorias de Fritjof Capra e o seu ponto de mutação onde avultam três desafios básicos: a ascensão da mulher, o declínio da era do combustível fóssil e a mudança de paradigma que deixou de estar centrado na revolução científica e na revolução industrial. Essa mudança de paradigma requer não só a expansão das nossas percepções e modos de pensar mas também dos nossos valores. E o autor cita Capra: «Todos os seres vivos são membros de comunidades ecológicas ligadas umas às outras numa rede de interdependência (...). Durante a revolução científica os valores eram separados dos factos e desde essa época tendemos a acreditar que os factos científicos são independentes daquilo que fazemos e são, portanto, independentes dos nossos valores». Daí a consideração que utilizamos no título desta recensão: “*Se temos a experiência de sermos parte da teia da vida então estaremos inclinados a cuidar de toda a natureza viva*”. Insiste-se que se trata de um manual de bibliografia pertinente, onde avultam autores de primeira água como Michel Serres, Leonardo Boff ou Hans Jonas.

Quarto, o cristianismo é sinónimo de ética ambiental. O que o autor considera é o resgate universal da espiritualidade humana e cita Leonardo Boff:

«Enquanto o ser humano não se sentir e não se assumir, com jovialidade de leveza, na solidariedade cósmica e na comunidade dos viventes em processo aberto, em maturação e em transformação também pela morte e assim religado a tudo, ele se isolará, será dominado pelo medo e por causa do medo usará o poder contra a natureza, rompendo a aliança de paz e de amor para com ela».

Boff é a favor das chamadas “experiências fundadoras” (experiências seminais que alimentam as experiências do quotidiano) que nos unem com a vida, que não deixam o tempo passar em branco, perdido nas preocupações com a própria angústia e com o Ego.

Quinto, o autor passa em revista a ética ambiental como responsabilidade universal, utiliza o budismo como referencial. Por exemplo, lembra que no budismo tibetano a compaixão é fruto de um amplo processo, que começa com a percepção do estado da mente. A compaixão não é vista como uma operação artificial, ela exige toda uma prática, não apenas intelectual, mas de corpo, emoção e mente. E adianta considerações sobre a utilidade da mente inquieta. E recorda também que a realização moral no budismo está dependente da resolução dos conflitos “interiores” e que na ética o mais importante é que, onde o amor pelo próximo, a afeição, a bondade e a compaixão estão vivas, verifica-se que a conduta ética é sincera, catalisadora. Noutra dimensão, o budismo é essencialmente ecológico já que a interligação e a complexidade de todos os seres, bem como a interdependência do observador e observado são algo de natural e vivificante. A tal propósito, o autor faz uma breve síntese a partir da Unesco sobre ética ambiental e religiões.

Sexto, temos a resolução de conflitos no contexto da ética e educação ambiental, trata-se de uma aplicação didático-pedagógica proposta pelo autor para superação de conflitos com elevado valor acrescentado da tolerância e ligação aos entes.

O autor apensa alguns anexos onde debate os resíduos como consequência da sociedade de consumo e propõe uma gestão coletiva do seu tratamento; propõe também

algumas dinâmicas sistêmicas para a educação ambiental e despede-se com uma carta da sustentabilidade, uma mensagem aos nossos filhos.

Trata-se de um livro de inegável interesse para quem pretenda melhorar conhecimentos sobre a sustentabilidade, a educação ambiental, a ética e o ambiente. Disponibiliza bibliografia relevante. Utilíssimo para professores encarregues das disciplinas ambientais, em todas as suas vertentes.